

BOLETIM ESPECIAL RAIS 2016 - PERNAMBUCO E REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE



MINISTÉRIO DO
TRABALHO



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

Observatório do Mercado de Trabalho de Pernambuco | OMT-PE Edição Especial Nº1 – 2018

APRESENTAÇÃO

Este Boletim Especial tem como objetivo o levantamento de dados relativos à estrutura geral do mercado de trabalho formal em Pernambuco e na Região Metropolitana do Recife.

Os dados utilizados foram extraídos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho, são correspondentes ao ano de 2016 e foram tabulados pelo Observatório do Mercado de Trabalho de Pernambuco (OMT-PE). Diferentemente do CAGED, que registra os volumes mensais totais de vínculos de admitidos e demitidos, a RAIS contém dados relativos à totalidade dos vínculos formais de emprego, permitindo, assim, que se possa tecer um retrato estrutural do conjunto representado pelo mercado formal de trabalho.

EVOLUÇÃO DO EMPREGO FORMAL

Considerações metodológicas

Para este primeiro boletim especial relativo aos dados da RAIS, optou-se por focar não apenas o ano de 2016 (mais recente disponibilizado pelo Ministério do Trabalho), mas por abarcar duas periodizações mais longas, a saber, 2006-2016 e 2010-2016.

Justifica-se a escolha de tal intervalo temporal pela seguinte ordem de considerações. Como é o primeiro boletim desta natureza, pareceu mais esclarecedor observar um intervalo mais amplo, que permitisse uma relativa contextualização do ano de 2016, ao explorar uma gama maior de dados disponíveis. Caso fosse tomado isoladamente o ano em questão, haveria o risco de se perder em compreensão os movimentos mais amplos do mercado de trabalho em seu conjunto, correspondentes à dinâmica geral da economia.

Para os estoques totais de vínculos empregatícios formais, optou-se pelo intervalo mais longo, 2006-2016, que foi escolhido pelo fato de que ele expressa os diferentes estágios pelos quais passou a economia brasileira (e pernambucana) no período. O período em questão abarca três momentos. O primeiro, que vai de 2006 até 2010, é o da ascensão econômica, com taxas de crescimento crescentes, contínuas e robustas.

O segundo período, que vai de 2011 a 2013, é o da desaceleração do crescimento, uma espécie de fase de transição para o que viria a seguir. O ano de 2012 havia registrado um crescimento muito baixo, que foi em alguma medida contrabalançado pela recuperação de 2013, embora já distante dos melhores anos de crescimento da fase anterior. Finalmente, o terceiro momento, 2014-2016, foi o da recessão, que ganhou força e intensidade em um curto período de tempo.

Já para os dados específicos de Pernambuco e Região Metropolitana do Recife, escolheu-se o período 2010-2016, tanto por uma questão de economia de espaço quanto pelo fato de que, para o propósito de se caracterizar a evolução estrutural do mercado de trabalho estadual e metropolitano, a periodização em questão seria suficiente para se contextualizar o atual momento vivido pela dinâmica do emprego formal.

Estoque total de vínculos empregatícios formais: Brasil, Pernambuco e RMR

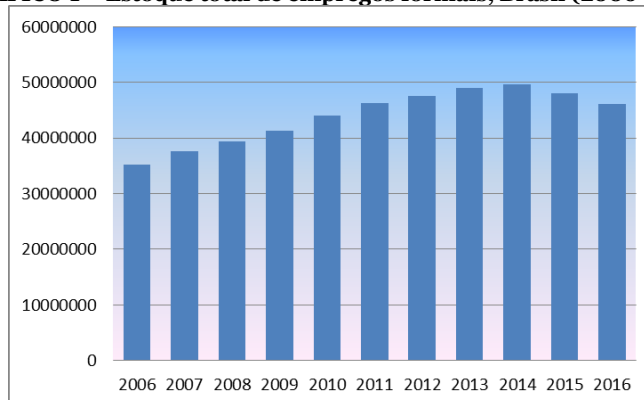
Os Gráficos 1, 2 e 3 mostram a evolução dos estoques de empregos formais para Brasil, Pernambuco e Região Metropolitana do Recife, respectivamente. Observando-se os três gráficos em conjunto, percebem-se de modo claro suas similaridades. Nos três universos, o estoque total de empregos cresceu de modo intenso entre 2006 e 2010. Calculando-se a variação percentual do crescimento, teve-se que o mercado de trabalho brasileiro elevou seu estoque total de empregos formais em 25,4% neste primeiro período. Pernambuco e a RMR tiveram um crescimento ainda maior – o estado teve aumento de 32,2% no estoque total de vínculos, enquanto a RMR aumentou em 35,2% o seu estoque de empregos. Tais elevações correspondem ao primeiro momento dos ciclos de crescimento econômico supracitados, o do crescimento progressivo.

Já entre 2010 e 2014 – a fase de desaceleração da economia nacional e também estadual –, o crescimento do estoque total de vagas foi ainda positivo, mas bem menos intenso – 12,5% para Brasil, 15,1% para Pernambuco e 15,5% para a RMR.

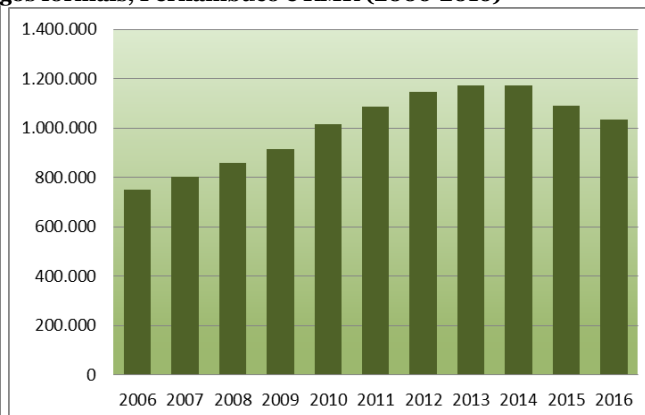
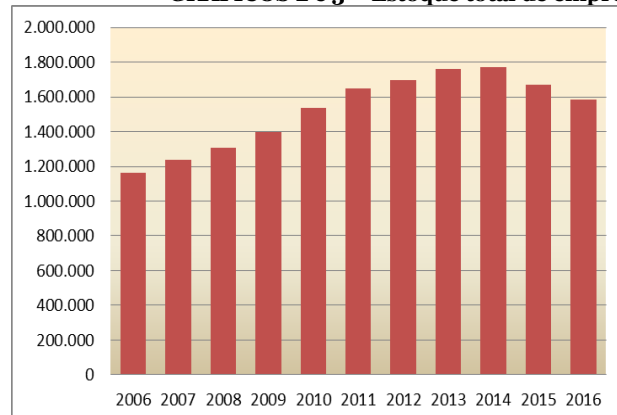
Finalmente, o último momento – recessão econômica –, viu o decréscimo dos estoques totais de empregos – o mercado de trabalho formal brasileiro encolheu 7,1%; o pernambucano, 10,3%; e o metropolitano, 12%.

Dadas as similaridades dos três mercados de trabalho observados, se há uma diferença entre eles, ela está na intensidade dos respectivos movimentos de crescimento, desaceleração e encolhimento. Pernambuco e Região Metropolitana do Recife registraram crescimentos superiores ao nacional, mas também seu decréscimo foi mais intenso do que o observado nacionalmente.

Outro dado digno de nota refere-se ao peso representado pela RMR em relação ao estado. A RMR concentra a maior parte dos empregos formais de Pernambuco – na média do período, 6,5 de cada 10 vagas formais estavam localizadas na RMR. Em 2006, 64,6% dos empregos formais estava na RMR, o que foi subindo paulatinamente no período, alcançando um pico, de 67,7% do total, em 2012, e depois decrescendo, até chegar a 65,1% em 2016.

GRÁFICO 1 – Estoque total de empregos formais, Brasil (2006-2016)

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE.

GRÁFICOS 2 e 3 – Estoque total de empregos formais, Pernambuco e RMR (2006-2016)

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE.

PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO: PERNAMBUCO E REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Emprego por setor de atividade econômica

As Tabelas 1 e 2 trazem os estoques de empregos formais em Pernambuco e RMR desagregados por setor de atividade econômica. O primeiro destaque fica por conta do setor da indústria de transformação, dadas as decididas políticas de desenvolvimento industrial que tomaram o estado na última década e meia. No período aqui observado, a indústria pernambucana perdeu participação *relativa* no total de empregos (na RMR, houve alguma estabilidade). Todavia, é importante assinalar que, em termos *absolutos*, este setor experimentou crescimento por quase toda a série temporal. De 2010 a 2014, passou de 217 mil para mais de 240 mil vagas, um crescimento significativo (na RMR, o crescimento foi de 109 mil para 126 mil em 2013, ano de maior participação na metrópole). Por fim, nos dois anos seguintes, sofreu uma queda acentuada, terminando 2016 com pouco mais de 210 mil vagas (na RMR, 106 mil), retornando a um patamar anterior a 2010.

Outro setor que experimentou agudas reviravoltas foi o da construção civil – também, em grande parte, por causa do impulso industrial-desenvolvimentista já mencionado, e que atinge diretamente o setor de construção, responsável pelo lançamento da infraestrutura necessária à instalação dos parques industriais. Pois bem, a construção civil já vinha crescendo antes de 2010, chegando ao seu auge entre 2011 e 2012, com quase 9% do total de empregos formais. Vale assinalar que, em 2006, a construção civil respondia por 4,1% das vagas, tendo, pois, mais que duplicado de tamanho em 2011. Mas, passada a fase de instalação da infraestrutura industrial, ao que também deve ser somada a crise econômica geral, a construção civil viu seus números despencarem, perdendo participação de modo muito rápido. Em 2016, sua participação relativa havia caído para o patamar de 2007. Em termos absolutos, as pouco mais de 66 mil vagas da construção civil em 2016 equivaliam a quase metade do total de empregos que o setor detinha em 2010.

O setor da administração pública, que inicia a série concentrando pouco mais de 1/4 do emprego formal total do estado, também diminuiu em termos relativos (e absolutos), a despeito de um pico observado (em termos absolutos) em 2013 – de 2010 a 2013, seu total passou de 396 mil para 407 mil vínculos. Em 2016, contudo, havia caído para 364 mil vagas. Em tempos de crise econômica, quando o setor privado naturalmente demite, enxugando suas folhas de funcionários, se o setor público também observa decréscimo em seu tamanho, isso contribui para o agravamento ou prolongamento do estado recessivo.

Serviços e comércio cresceram em termos relativos por praticamente todo o período, ainda que, em termos absolutos, também tivessem sofrido com a crise de 2014-2016. Finalmente, entre os setores que menos empregam (extrativa, agropecuária, SIUP), observou-se uma estabilidade relativa no período.

Tabela 1 – Distribuição dos empregos formais por setor de atividade econômica, PE, 2010-2016 (em %)

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Extrativa mineral	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,1	0,1
Indústria de transformação	14,1	13,8	13,6	13,6	13,6	13,2	13,3
Serviços industriais de utilidade pública	1,1	0,9	1,0	1,1	1,1	1,1	1,2
Construção Civil	8,0	8,8	8,7	8,3	6,6	4,9	4,2
Comércio	17,2	17,4	18,5	17,8	18,3	18,9	18,9
Serviços	30,3	31,2	32,8	33,3	34,9	35,2	36,2
Administração Pública	25,8	25,0	22,6	23,2	22,6	23,6	23,0
Agropecuária, extração, caça e pesca	3,3	2,8	2,6	2,5	2,7	2,8	3,1
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE.

Tabela 2 – Distribuição dos empregos formais por setor de atividade econômica, RMR, 2010-2016 (em %)

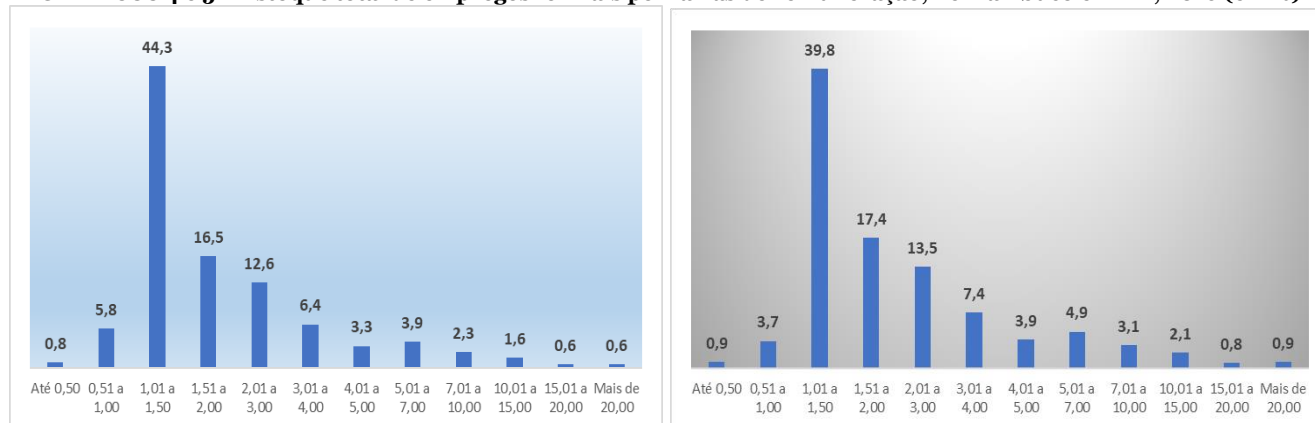
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Extrativa mineral	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Indústria de transformação	10,7	10,5	10,5	10,8	10,6	10,3	10,3
Serviços industriais de utilidade pública	1,5	0,9	1,1	1,2	1,2	1,3	1,4
Construção Civil	9,5	10,6	10,7	10,5	8,2	6,1	5,3
Comércio	16,4	16,4	17,1	16,2	16,7	17,3	17,2
Serviços	38,6	39,0	40,6	40,9	43,4	43,8	44,6
Administração Pública	22,2	21,7	19,2	19,7	19,3	20,5	20,5
Agropecuária, extração, caça e pesca	0,9	0,8	0,6	0,6	0,6	0,6	0,7
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE.

Emprego por faixa de remuneração

Os Gráficos 4 e 5 trazem a distribuição do estoque de empregos formais para Pernambuco e RMR, respectivamente, por faixa de remuneração, no ano de 2016. Optou-se por retratar apenas este ano porque não houve alteração significativa em tal distribuição no intervalo temporal aqui abordado. Sim, até 2013 (e, dependendo da faixa, até 2014) é possível afirmar que houve uma sutil tendência de elevação da participação das faixas de remuneração mais elevadas – a partir de 3 salários mínimos, com exceção das faixas “de 15 a 20 salários mínimos” e acima de 20 SMS, a primeira permanecendo estável em todo o período, e a segunda perdendo espaço. O caráter residual de tais tendências é virtualmente eliminado a partir de 2014.

Tanto para Pernambuco quanto para a RMR, o que se observa é um mercado de trabalho que, do ponto de vista da remuneração, tem quase todos os empregos concentrados nas faixas de 1 a 3 salários mínimos. Somadas, tais faixas concentravam, em 2016, 73,3% do total de empregos em Pernambuco, e 70,7% dos empregos na RMR. Na RMR, as remunerações mais elevadas ocupam um espaço ligeiramente maior. Não obstante, o baixo dinamismo econômico-produtivo exibido pelo estado pode ser considerado como uma das explicações para a existência deste volume expressivo de empregos mal remunerados.

GRÁFICOS 4 e 5 – Estoque total de empregos formais por faixas de remuneração, Pernambuco e RMR, 2016 (em %)

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE.

Emprego por nível de escolaridade

Em relação ao nível de escolaridade (Tabela 3), considerando-se que não houve modificações substanciais quanto ao peso de cada faixa ao longo da série temporal analisada, teve-se que, de 2010 a 2016, tanto Pernambuco quanto a RMR experimentaram uma elevação geral no grau de escolarização dos indivíduos inseridos no mercado formal de trabalho. É o que se pode constatar pelas colunas que trazem a variação percentual dos estoques dentro de cada faixa. As faixas mais baixas de escolaridade tiveram queda tanto em

termos absolutos quanto em relação à sua participação sobre o total, tendência oposta à observada nas faixas de escolaridade mais elevadas. A faixa “superior incompleto” teve queda, é verdade, mas parece razoável sugerir que isso se deu em detrimento da elevação dos contingentes de trabalhadores com ensino superior completo. As expressivas elevações percentuais das três faixas mais altas de escolaridade parecem de fato bastante impressionantes, mas o fato de terem se dado sobre bases bastante pequenas acaba por restringir seu alcance ou abrangência.

Tabela 3 - Estoque total de empregos formais por faixas de escolaridade, Pernambuco e RMR, 2010 e 2016 (em %)

Escolaridade após 2005	PERNAMBUCO			RMR		
	2010	2016	Var.%	2010	2016	Var.%
Analfabeto	26441	13435	-49,2	8842	4464	-49,5
Até 5ª Incompleto	99263	67988	-31,5	37109	29144	-21,5
5ª Completo Fundamental	61605	42335	-31,3	33718	22779	-32,4
6ª a 9ª Fundamental	110133	78957	-28,3	63796	44115	-30,8
Fundamental Completo	222732	102786	-53,9	169544	62849	-62,9
Médio Incompleto	96987	81643	-15,8	63025	49655	-21,2
Médio Completo	642024	792796	23,5	447297	530541	18,6
Superior Incompleto	58096	56776	-2,3	40728	39870	-2,1
Superior Completo	214423	336556	57,0	147979	239063	61,6
Mestrado	3978	9201	131,3	3345	7607	127,4
Doutorado	944	3181	237,0	691	2466	256,9

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE.

Emprego por faixa etária

Analisando-se o mercado de trabalho formal por faixas etárias (Tabela 4), observa-se, tanto para o estado quanto para a região metropolitana, que a força de trabalho em 2016 é mais velha relativamente a 2010 – diminuiu a participação das faixas mais jovens, enquanto elevou-se a participação das faixas acima de 30 anos.

Tabela 4 – Distribuição dos empregos formais por faixa etária, Pernambuco e RMR, 2010 e 2016 (em %)

	PE			RMR		
	2010	2016	Var %	2010	2016	Var %
18 a 24 anos	15,1	11,9	-21,3	14,2	10,7	-24,1
25 a 29 anos	17,3	14,6	-15,7	17,1	13,7	-19,7
30 a 39 anos	30,7	32,1	4,5	30,6	32,0	4,7
40 a 49 anos	22,3	23,4	4,7	22,8	23,7	3,9
50 a 64 anos	13,7	16,7	22,3	14,5	18,2	25,9
65 ou mais anos	0,9	1,3	57,1	0,9	1,6	78,0

Fonte: RAIS/MTE, 2010, 2016. Elaboração: OMT-PE.

Emprego por sexo

A Tabela 5 traz os estoques de trabalhadores do mercado formal pernambucano e metropolitano conforme o peso representado por cada sexo. Em 2016, os homens ainda ocupavam a maioria das vagas formais de trabalho, tanto em Pernambuco quanto na RMR. Mas, a distância entre homens e mulheres caiu, se comparada com a existente no ano de 2010, o que sugere que as mulheres estão aumentando sua presença no mercado de trabalho formal.

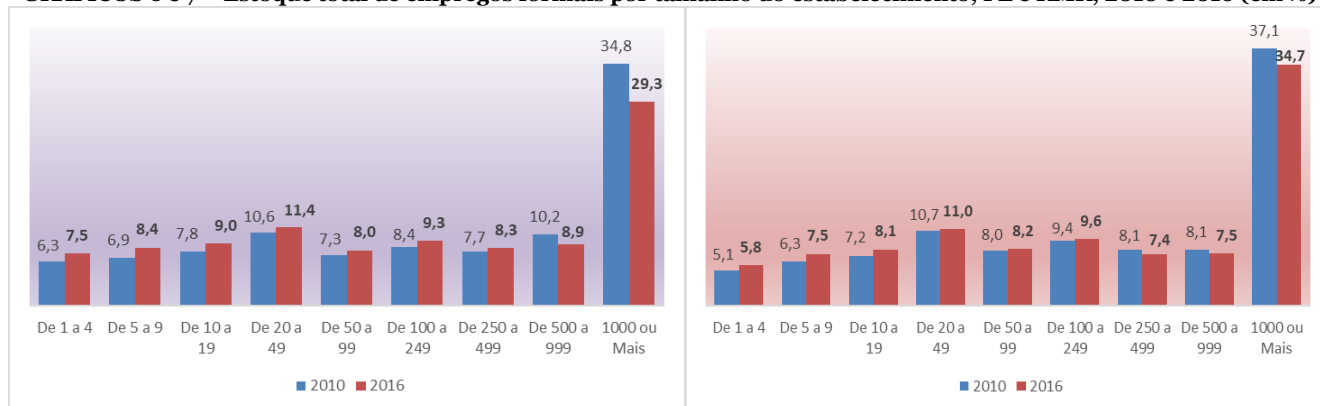
Tabela 5 – Estoques de empregos por peso representado por sexo, Pernambuco e RMR, 2010 e 2016 (em %)

	PERNAMBUCO		RMR	
	2010	2016	2010	2016
Masculino	60,3	57,3	61,0	57,8
Feminino	39,7	42,7	39,0	42,2

Fonte: RAIS/MTE, 2010, 2016. Elaboração: OMT-PE.

Emprego por tamanho do estabelecimento

Os Gráficos 6 e 7 trazem a variação dos estoques de emprego distribuídos por tamanho do estabelecimento, em 2010 e 2016, para Pernambuco e Região Metropolitana do Recife.

GRÁFICOS 6 e 7 – Estoque total de empregos formais por tamanho do estabelecimento, PE e RMR, 2010 e 2016 (em %)

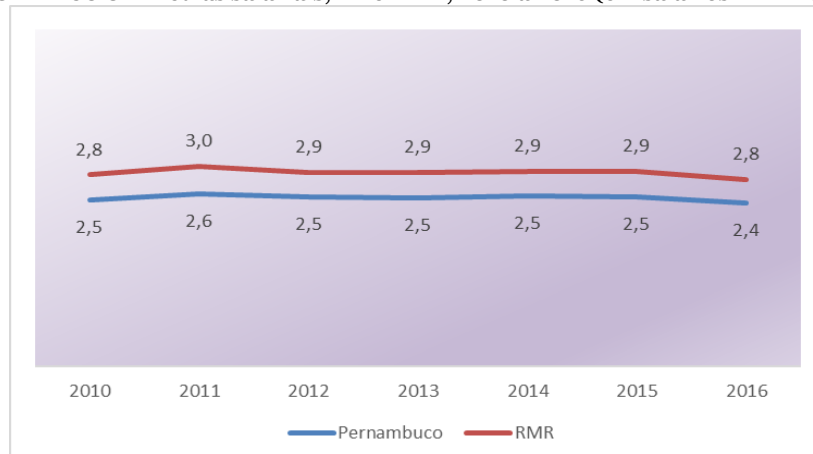
Fonte: RAIS/MTE, 2010, 2016. Elaboração: OMT-PE.

Novamente, optou-se por retratar apenas os dois anos extremos do intervalo, dado que não houve, nos anos intermédios, variação significativamente diferente da tendência pontuada nos anos limítrofes. Tanto para o estado quanto para a RMR, o que se observa, aqui, é que os estabelecimentos maiores – de 500 a 999 trabalhadores, e com 1000 ou mais trabalhadores – perderam participação, o estado de modo mais acentuado. Por outro lado, os estabelecimentos menores e médios – todas as faixas, de estabelecimentos com 1 a 4 funcionários até estabelecimentos com número entre 100 e 249 trabalhadores – ampliaram sua participação no total (no estado, até a faixa de estabelecimentos entre 250 e 499 aumentou sua participação). Tanto o estado quanto a RMR revelam uma distribuição similar dos estoques de vagas por tamanho do estabelecimento.

Média salarial

O Gráfico 8 traz, para toda a série temporal analisada, as médias salariais praticadas no mercado de trabalho formal para o estado de Pernambuco e Região Metropolitana do Recife. A RMR exibe médias salariais ligeiramente mais elevadas do que o estado, mas o que chama mais atenção, aqui, é a relativa estabilidade dos ganhos médios. Considerando-se que, neste período, houve momentos de ascensão econômica mas também de queda, é interessante constatar que, aparentemente, tais ciclos econômicos não geram impacto significativo sobre o salário médio. Os dois primeiros anos da série foram momentos em que Pernambuco exibiu taxas “chinesas” de crescimento econômico. Em 2011, o estado e a RMR alcançaram sua média salarial mais elevada, embora apenas um pouco maior do que a do ano anterior, em que o estado teve um crescimento do PIB da ordem de 7,7%, um desempenho histórico sem precedentes. E, no restante da série temporal, em que se observou tanto a desaceleração quanto a recessão econômicas, tais médias caíram, mas apenas sutilmente.

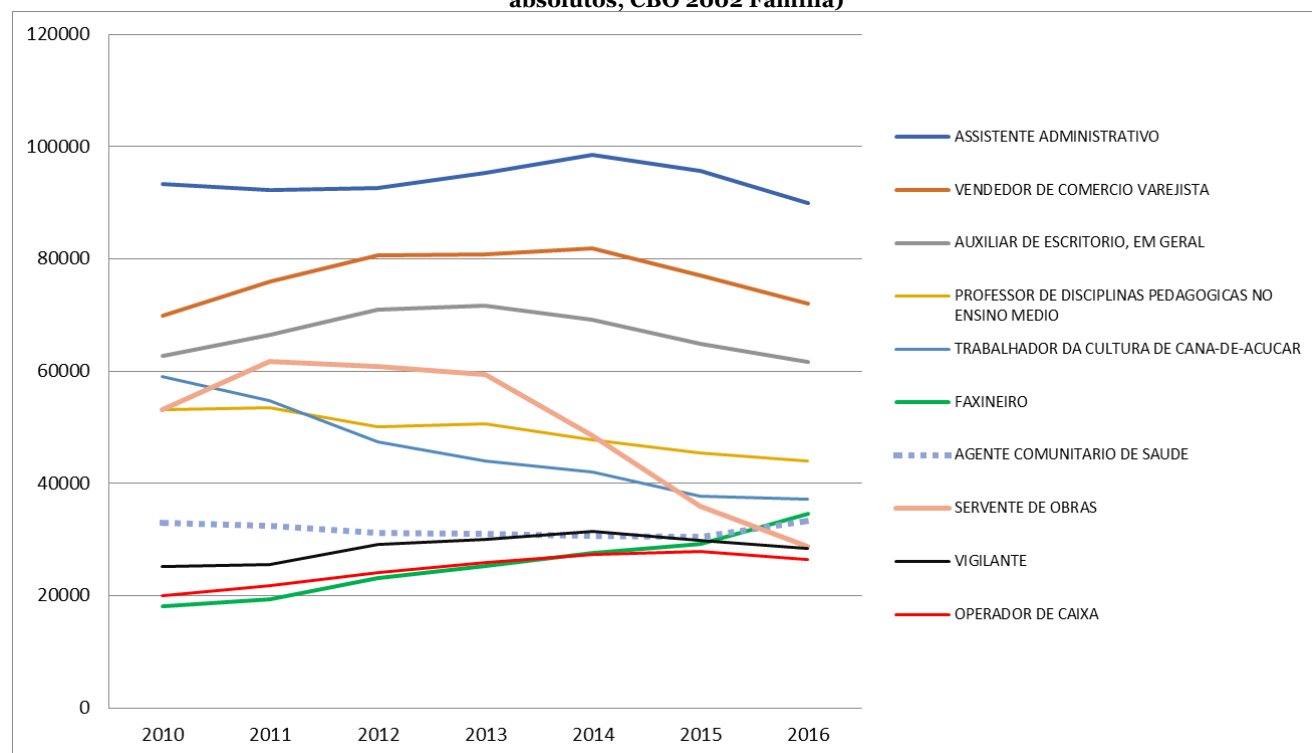
Sugere-se, a título de proposição a ser verificada em análises subsequentes, que o baixo dinamismo da economia estadual e metropolitana, em termos de valor agregado e conteúdo tecnológico, mais a elevada rotatividade do emprego – traço de um mercado de trabalho altamente flexível –, tendem a manter sempre baixas as médias salariais praticadas.

GRÁFICO 8 – Médias salariais, PE e RMR, 2010 a 2016 (em salários mínimos)

Fonte: RAIS/MTE, 2010, 2016. Elaboração: OMT-PE.

Desempenho das ocupações que mais empregam

Em relação às ocupações (por família de ocupações, de acordo com o Código Brasileiro de Ocupações de 2002) que mais concentram empregos formais no estado e na região metropolitana, os Gráficos 9 e 10 trazem o desempenho das mesmas na série temporal aqui analisada. Em Pernambuco, as ocupações na família de trabalhadores agrícolas em culturas de gramíneas lideram entre os saldos positivos, sendo seguidas por vendedores e demonstradores em lojas e mercados, e alimentadores de linhas de produção.

GRÁFICO 9 – Desempenho das ocupações que mais empregam no estado de Pernambuco, 2010-2016 (em números absolutos, CBO 2002 Família)

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE

No estado de Pernambuco, as três famílias de ocupações que mais possuíam vínculos formais de trabalho permaneceram nesta condição por todo o período observado. Em 2016, eram elas “assistente administrativo”, “vendedor de comércio varejista” e “auxiliar de escritório”. Em quarto lugar, figura a família

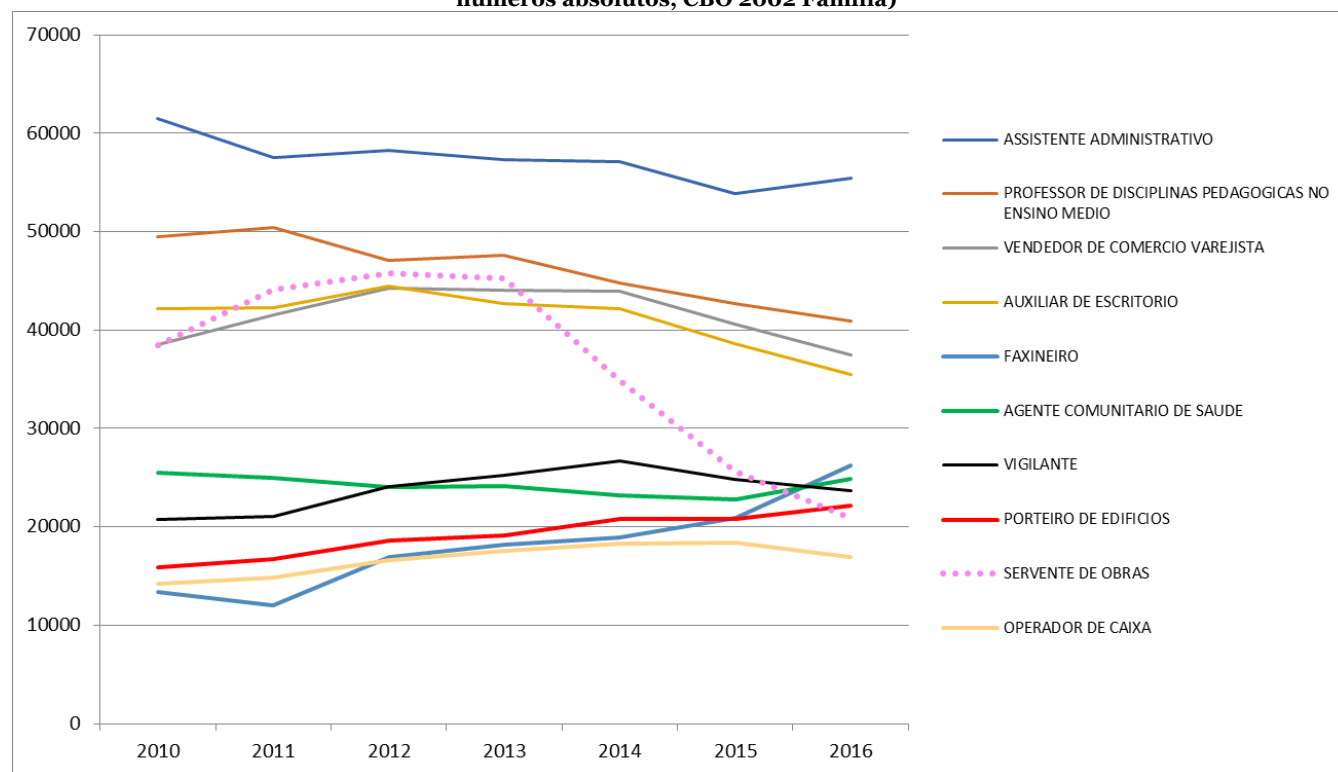
ocupacional de professores de disciplinas pedagógicas no ensino médio, embora sua quantidade absoluta tenha caído entre 2010 e 2016. Em quinto lugar, aparecem os trabalhadores da cultura de cana-de-açúcar, que experimentaram uma queda ainda maior do que a família anterior, e para além do ciclo econômico recessivo, pois que seus números já vinham caindo desde 2010.

Em sexto lugar estão os faxineiros, cuja trajetória foi de crescimento na série temporal observada. Em sétimo lugar, agentes comunitários de saúde. Em oitavo aparecem os serventes de obras, família ocupacional própria do setor da construção civil. Entre 2011 e 2013, esta família chegou a figurar em quarto lugar, mas, desde então, assistiram a uma queda vertiginosa (a mais aguda entre as famílias ocupacionais analisadas aqui). Em nono lugar, estão os vigilantes, e, em décimo, os operadores de caixa, sendo que ambas as categorias tiveram ligeiro crescimento no período.

Para a RMR, as famílias ocupacionais que mais empregavam em 2016 eram, por ordem decrescente: assistente administrativo, professor de disciplinas pedagógicas no ensino médio, vendedor de comércio varejista, auxiliar de escritório, faxineiro, agente comunitário de saúde, servente de obras e operador de caixa. Na região metropolitana, enquanto as quatro maiores famílias ocupacionais caíram em termos percentuais nos últimos três anos, famílias como as de agentes comunitários, faxineiros e porteiros de edifícios subiram no mesmo período.

O destaque maior fica mesmo por conta – e isso não surpreende – da natureza geral das ocupações que mais empregam pessoas no estado e região metropolitana. Com exceção das ocupações em torno da família de professorado no ensino médio, que exigiriam um nível de qualificação específico e mais elevado, o restante das famílias ocupacionais que mais empregam se caracteriza por um perfil de atividades manuais (ou técnico-administrativas de nível médio), com baixa escolaridade e baixa remuneração.

GRÁFICO 10 – Desempenho das ocupações que mais empregam na Região Metropolitana do Recife, 2010-2016 (em números absolutos, CBO 2002 Família)



Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE

Ocupações que mais cresceram (por saldo geral)

Aqui, buscou-se identificar as ocupações que tiveram os melhores desempenhos no período, em termos de seu crescimento. Para tanto, optou-se por utilizar os dados do CAGED, agregando-se os dados relativos a

admissões, desligamentos e saldos para todo o período observado (2010-2016), e localizando, assim, quais foram os maiores saldos positivos¹.

Assim, as dez ocupações que, entre 2010 e 2016, tiveram os maiores saldos absolutos de vagas foram: ajudantes de obras civis (18,8 mil ocupações de saldo em 6 anos); escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos (17,8 mil); alimentadores de linha de produção (15,8 mil); vendedores / demonstradores em lojas e mercados (11,1 mil); trabalhadores em serviços de manutenção de edificações (7,7 mil); técnicos e auxiliares de enfermagem (7,4 mil); trabalhadores em carga/descarga de mercadorias (6,6 mil); trabalhadores em embalagem e etiquetagem (5,8 mil); recepcionistas (5,7 mil); e trabalhadores em serviços de administração de edifícios (5,4 mil).

Estrutura do emprego formal em Pernambuco por grandes grupos de ocupações: 2006-2016

Encerrando este boletim especial, retoma-se a periodização 2006-2016 para se verificar se houve variação estrutural sensível da estrutura ocupacional pernambucana. Como os grandes projetos recentes de incremento industrial no estado – o Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros – SUAPE² – e o polo automotivo de Goiana³ – foram tomando corpo a partir da segunda metade da década de 2000, o intervalo 2006-2016 seria suficiente para uma tentativa de comparação do perfil estrutural dos grandes grupos de ocupações no tempo, antes (ou no início) da chegada dos grandes empreendimentos industriais, e depois de sua chegada. O objetivo agora é saber em que medida o impulso industrializante experimentado pelo estado na última década teria modificado a estrutura geral das ocupações.

Para tanto, e a fim de se ter uma visão panorâmica do fenômeno, optou-se pela observação, no âmbito somente estadual, das variáveis correspondentes às ocupações tomadas de modo agregado, na forma dos grandes grupos ocupacionais da Classificação Brasileira de Ocupações de 2002 (CBO 2002). O grande grupo é a categoria de classificação mais agregada, reunindo amplas áreas de emprego, para além de tipos específicos de trabalho, de modo que, por sua amplitude, nem sempre haverá inter-relações próximas entre os conjuntos nela reunidos⁴. Não obstante, a observação da variável “grande grupo” deve satisfazer o objetivo de uma caracterização preliminar da estrutura geral das ocupações que leve em conta os movimentos industrializantes na década de 2000⁵.

O Gráfico 11 traz, para Pernambuco, a variação absoluta dos grandes grupos ocupacionais entre 2006 e 2016, enquanto o Gráfico 12 traz a participação relativa dos grandes grupos de ocupações no mesmo período.

Em relação aos números absolutos, quase todos os grandes grupos aumentaram seus contingentes de ocupados até 2014, para depois caírem, em função da crise econômica. As exceções a esta regra ficaram por conta das ocupações: no grande grupo de trabalhadores em produção de bens e serviços industriais “7”⁶, que começaram a declinar já em 2013; no grande grupo de trabalhadores agropecuários, florestais e pesca, cujo montante absoluto vem paulatinamente caindo desde 2006; e no grande grupo de trabalhadores em serviços de reparação e manutenção, que em dez anos caíram da antepenúltima posição para a última.

Em termos absolutos, os três maiores grandes grupos são os de comércio e serviços, serviços administrativos e produção de bens e serviços industriais “7”.

¹ Inicialmente, pensou-se em, a partir dos dados da RAIS, comparar as ocupações por seu tamanho absoluto em 2010 e 2016, calculando-se o seu percentual de variação e identificando as variações percentuais positivas mais elevadas. Contudo, a despeito de se encontrar desempenhos bastante impressionantes à primeira vista – por exemplo, o crescimento de ocupações como as de gestores públicos (crescimento de 5.200% no período) ou chefes de cozinha e afins (variação de 1.282%) –, tais números se explicam pelo fato de se darem em bases diminutas (no estado, os gestores públicos eram 636 em 2016, contra apenas 12 em 2010; os chefes de cozinha e afins eram 34 em 2010, subindo para 470 em 2016), e verdadeiramente insignificantes em relação à totalidade do mercado de trabalho estadual/metropolitano.

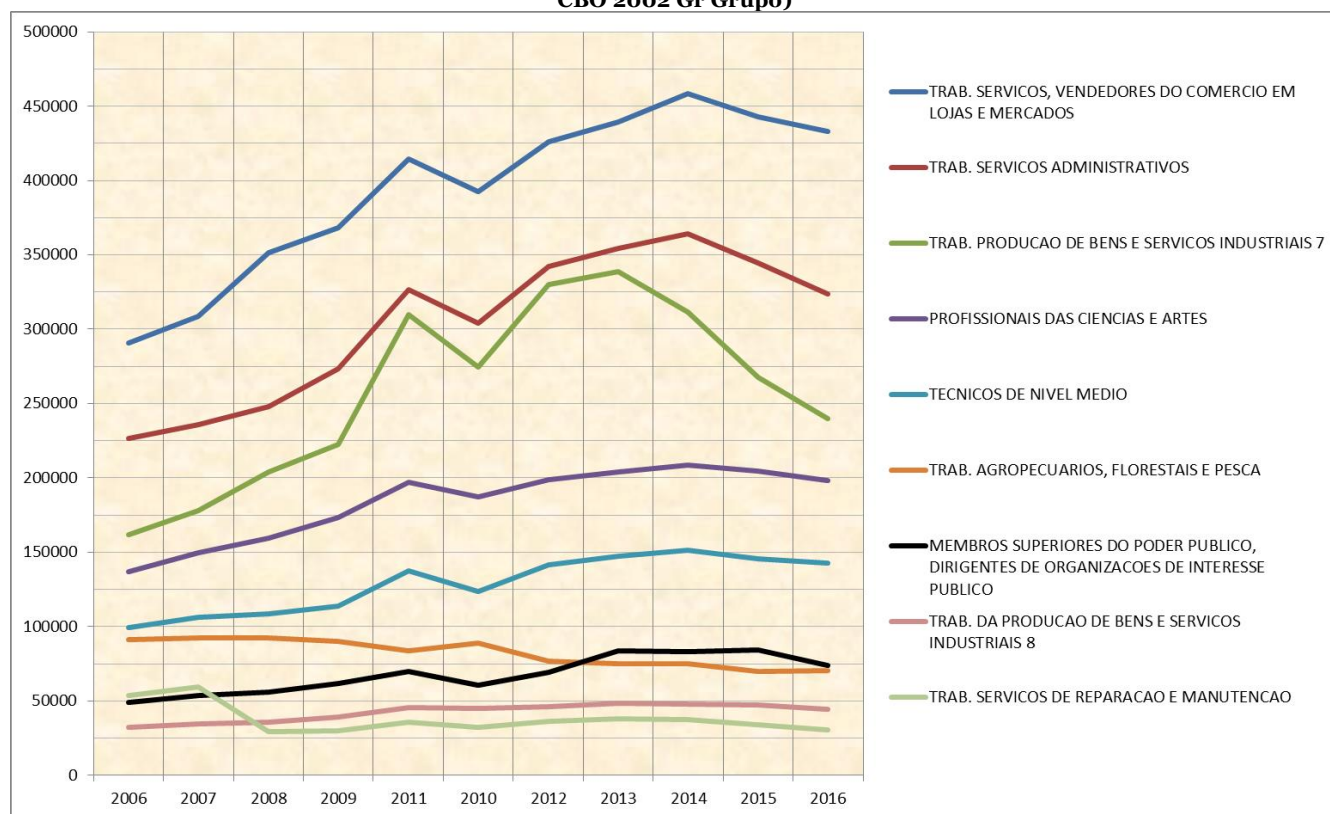
² <http://www.suape.pe.gov.br/pt/>.

³ <https://www.fcagroup.com/plants/pt-BR/Pernambuco/Pages/default.aspx>.

⁴ <http://www.mtebo.gov.br/cbosite/pages/informacoesGerais.jsf>.

⁵ Para uma análise específica e aprofundada dos efeitos gerados pela industrialização, haverá um boletim temático próprio, a ser lançado.

⁶ Para o setor industrial há basicamente dois grandes grupos, o GG7 e o GG8. O Grande Grupo 7 reúne ocupações em produção extrativa, construção civil e indústria de processo discreto. O GG8 concentra trabalhadores industriais que operam em plantas industriais de processo contínuo.

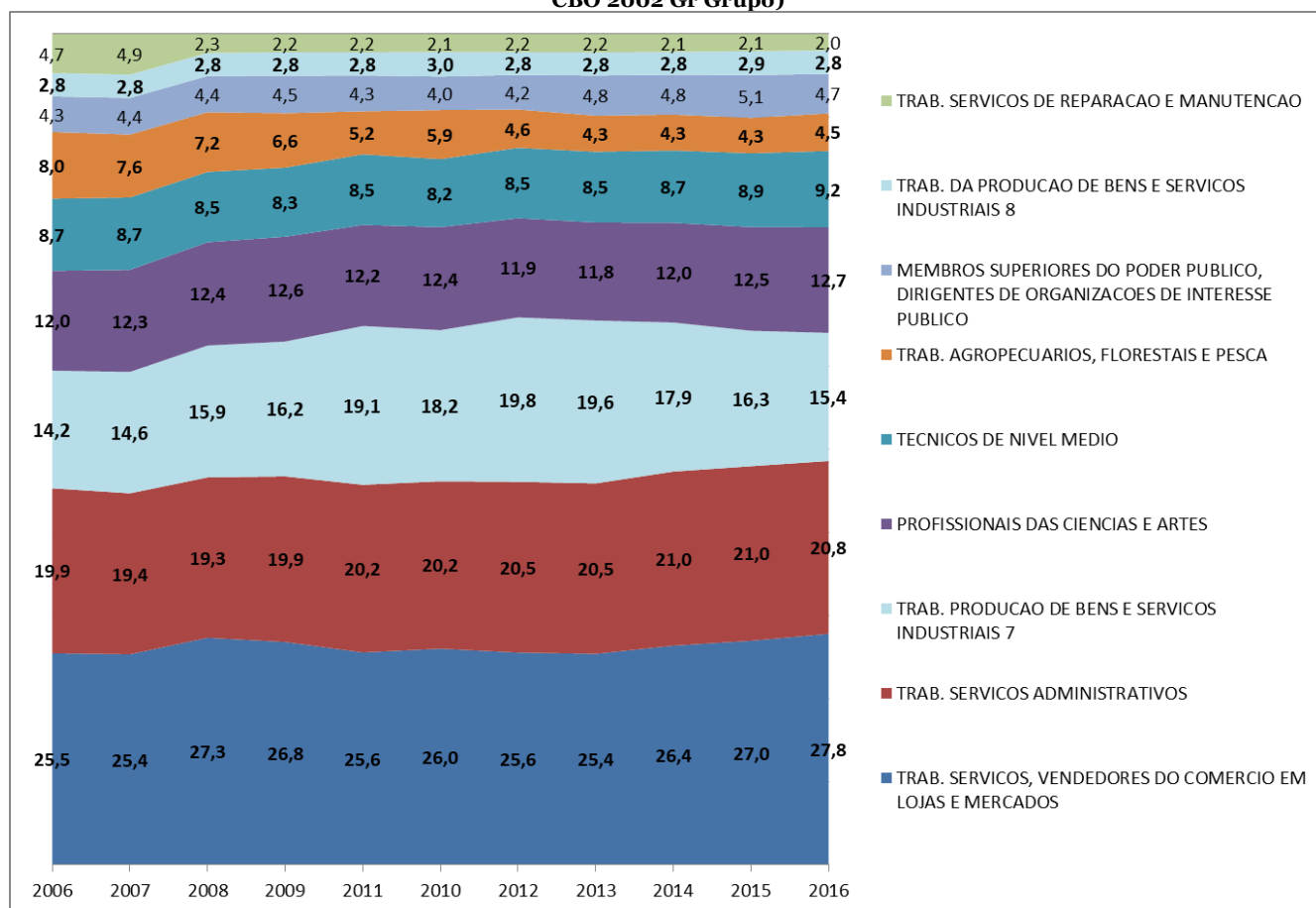
GRÁFICO 11 – Variação absoluta dos grandes grupos ocupacionais, Pernambuco, 2006-2016 (em números absolutos, CBO 2002 Gr Grupo)

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE

O Gráfico 11 mede as participações relativas dos grandes grupos no total de ocupações, e sua variação no período. De baixo para cima, em consonância com seu desempenho em termos absolutos, os três grandes grupos com maior peso proporcional são os de trabalhadores em serviços e comércio, em serviços administrativos e na produção de bens e serviços industriais “7”. No período, os três ampliaram ligeiramente sua participação no total. O GG 7 chegou mesmo a um desempenho bastante considerável até o ano de 2012 – em seis anos, sua participação havia sido incrementada em quase 40%. Mas a crise impactou este grande grupo de modo mais intenso do que os demais líderes, perdendo participação para quase todos os outros grandes grupos.

Todavia, fora a queda significativa de participação dos grandes grupos de ocupações em agropecuária, florestais e pesca (declínio de quase 44% em dez anos), e de serviços de reparação e manutenção (queda de quase 57,5%) – grupos estes que já tinham participação discreta no total –, o dado mais aparente no gráfico é a relativa manutenção dos grandes grupos e de seus pesos relativos sobre o total, indicando que, em dez anos, a estrutura ocupacional geral pernambucana não experimentou alterações de monta.

Os grandes empreendimentos de natureza industrial ocorridos em Pernambuco na década de 2000 não produziram, pelo menos até agora, uma mudança qualitativa digna de nota no perfil ocupacional. Além disso, um dado, referente aos grandes grupos industriais (7 e 8), parece importante. O GG 8, que reuniria ocupações de maior conteúdo intelectual e nível de qualificação – pois seus trabalhadores devem ter habilidades mentais de controle de variáveis físico-químicas de processos (CBO, 2010) –, praticamente não teve alteração em sua participação em dez anos. Já o GG 7 cresceu no período (e teria crescido ainda mais, caso não tivesse havido a crise econômica nos últimos 3 anos), mas este grupo concentra ocupações industriais relativas à montagem – demandando habilidades mais de natureza psicomotoras e mentais voltadas principalmente à forma dos produtos (CBO, 2010) –, e, conseqüentemente, de menor conteúdo intelectual e qualificação se comparados ao GG 8.

GRÁFICO 11 – Variação absoluta dos grandes grupos ocupacionais, Pernambuco, 2006-2016 (em números absolutos, CBO 2002 Gr Grupo)

Fonte: RAIS/MTE, 2010-2016. Elaboração: OMT-PE

SÍNTESE DOS RESULTADOS

O conjunto de dados reunidos deve permitir o seguinte esforço de síntese do mercado de trabalho de Pernambuco e RMR em 2016 (informados também pelos anos anteriores):

- Os estoques de empregos formais cresceram continuamente em Pernambuco e RMR até 2013, ficando estáveis em 2014 e daí ao declínio. Dado o encolhimento causado pelos recentes anos recessivos, os estoques de vagas no estado e região metropolitana em 2016 recuaram aproximadamente aos níveis de 2010.
- Referentes aos setores de atividade econômica, em 2016, para o estado e a RMR, os empregos concentravam-se em maior medida, por ordem decrescente, nos setores de serviços (em trajetória ascendente em relação aos anos anteriores), administração pública (trajetória de queda), indústria de transformação (estabilidade relativa, com viés de queda), construção civil (trajetória de queda aguda), agropecuária (estabilidade), SIUP e extrativa (para ambos, estabilidade relativa).
- Em relação à remuneração, tanto para o estado quanto para a RMR, entre 40% e 45% dos empregos concentravam-se na faixa de remuneração de 1 a 1,5 salários mínimos. De 70% a 73% de todos os empregos concentravam-se nas faixas de remuneração de até 3 salários mínimos.
- Em relação à escolaridade, em 2016, o mercado de trabalho pernambucano viu níveis de escolarização da força de trabalho formal em patamar sensivelmente superiores aos do ano de 2010, embora tal efeito seja restringido pelo ainda baixo volume de empregos que exigem níveis superiores de escolaridade.
- Em relação à faixa etária, entre 2010 e 2016 a força de trabalho formal pernambucana envelheceu.

- No tocante ao sexo, a participação feminina no mercado de trabalho formal cresceu em 2016, relativamente aos anos anteriores.
- Pelo critério do tamanho do estabelecimento, observou-se que cerca de 40% dos empregos concentravam-se em estabelecimentos de 500 ou mais empregados, embora a participação destes tenha diminuído em relação a 2010.
- As médias salariais permaneceram estáveis entre 2010 e 2016, com a RMR (2,8 salários mínimos em 2016) em patamar ligeiramente superior ao do restante do estado (2,4 salários mínimos no mesmo ano).
- Assistentes administrativos, vendedores de comércio varejista e auxiliares de escritório foram as famílias ocupacionais que mais empregaram formalmente pessoas em Pernambuco em 2016, embora estejam em trajetória de ligeira queda (ocasionada provavelmente pelo ciclo econômico de crise). Já na RMR, professores no ensino médio ocupavam a segunda colocação em concentração de trabalhadores, embora tal família esteja caindo continuamente, desde 2011 (o que sugere a existência de outros fatores condicionantes, para além da crise econômica).
- Analisando-se o emprego formal por grandes grupos ocupacionais, trabalhadores em serviços e comércio foram o grande grupo que mais possuía trabalhadores, sendo seguido pelos grandes grupos de serviços administrativos e produção de bens e serviços industriais (produção extrativa, construção civil e processos industriais discretos).

Universidade Federal de Pernambuco

Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

Reitor**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

Maria da Conceição Lafayette de Almeida

Diretora**Departamento de Sociologia**

Emílio de Britto Negreiros

Chefe**Observatório do Mercado de Trabalho de Pernambuco (OMT-PE)**

Sidartha Soria e Silva e Cristiano Wellington Norberto Ramalho

Coordenação

Sidartha Soria

Autoria do Boletim

Clara de Lima Hordonho, Daiana Angelo, Fabiana Bernardino, Francisco Jatobá de Andrade, Jean Maciel da Costa Silva, Jonathan Cartaxo Lopes, Patrícia Marília Felix da Silva, Ramona Raissa do Nascimento Guerra Melo Ribeiro, Romero Maia, Stephanie Gueiros, Victor de Oliveira Rodrigues

Equipe de Pesquisa**E-mail para contato:** observatoriodotrabalhouppe@gmail.com**Sites:** <https://www.ufpe.br/ds/grupos-de-pesquisa>, <https://www.facebook.com/observatoriomercadotrabalhodepernambuco/>